REVISTA DA ABPN

DOI 10.31418/2177-2770.2023.v17.c.1.p 63-72 | ISSN 2177-2770

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

PEDAGOGIAS DA ANCESTRALIDADE: PERSPECTIVAS PARA ENSINO DE FILOSOFIAS AFRICANAS NO BRASIL

Adilbênia Freire Machado[1]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar / Departamento Educação e Sociedade, Nova Iguaçu, RJ, Brasil.

Resumo: Este texto tem o intuito de dialogar com saberes ancestrais femininos que bordam perspectivas para uma educação afrorreferenciada, portanto, plural, diversa, inclusiva, antirracista e com objetivo de transforAMAR o educar e o conhecimento. São tessituras delineadas por poéticas de encantamento das filosofias africanas, desse modo, pautam-se na implicação com a potencialização da vida, a escuta sensível e a ética do cuidado. Assim, a pedagogia da ancestralidade apresenta-se como fio que bordará essa teia Ananseana de transformAÇÃO e criação de outros mundos possíveis, contribuindo com a implementação da Lei. 10.639 / 2003, desde / com vozes femininas e ancestrais.

Palavras-Chave: TransforAÇÃO e TransforAMAR; Escuta Sensível; Currículos e Metodologias Afrorreferenciadas; Pedagogia Ananseana; Saberes Ancestrais Femininos.

PEDAGOGIES OF ANCESTRY: PERSPECTIVES FOR TEACHING AFRICAN PHILOSOPHIES IN BRAZIL

Abstract: This text aims to engage in a dialog with ancestral feminine knowledge that embroiders perspectives for an Afro-referenced education, which is therefore plural, diverse, inclusive, anti-racist and with the aim of transforming education and knowledge. These weaves are delineated by the enchanting poetics of African philosophies, and are thus based on the implication with the potentialization of life, sensitive listening and the ethics of care. Thus, the pedagogy of ancestry is presented as a thread that will embroider this Anansean web of transformation and creation of other possible worlds, contributing to the implementation of Law. 10.639 / 2003, from / with female and ancestral voices.

Keywords: TransforATION and TransforAMAR; Sensitive Listening; Afroreferenced Curricula and Methodologies; Anansean Pedagogy; Women's Ancestral Knowledge.

[1] Profa. Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do PPGEduc (Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) / UFRRJ. Coordenadora do Eixo Científico Filosofia Africana e Afro-diaspórica da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negr@s (ABPN). Membra da Coordenação Ampliada da Associação Brasileira de Filosofia e Libertação (AFYL – Br). Pesquisadora do Núcleo das Africanidades Cearense (NACE): encantamento, pretagogia, ancestralidade (UFC); LEAFRO – Laboratório de Estudos Afro-brasileiros – NEABI / UFRRJ. Sócia Fundadora da Rede Africanidades (UFBA); Membra da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. E-mail: adilbenia@ufrrj.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3226-2139

PEDAGOGÍAS DE LA ANCESTRALIDAD: PERSPECTIVAS PARA LA ENSEÑANZA DE LAS FILOSOFÍAS AFRICANAS EN BRASIL

Resumen: Este texto pretende dialogar con saberes ancestrales femeninos que tejen perspectivas para una educación afro-referenciada, por lo tanto plural, diversa, inclusiva, antirracista y con el objetivo de transformar la educación y el conocimiento. Estos tejidos son delineados por la poética encantadora de las filosofías africanas, y se basan, por lo tanto, en una implicación con la potencialización de la vida, la escucha sensible y la ética del cuidado. Así, la pedagogía de la ancestralidad se presenta como un hilo que bordará esta trama ananseana de transformación y creación de otros mundos posibles, contribuyendo a la implementación del Derecho. 10.639 / 2003, de / con voces femeninas y ancestrales.

Palabras-clave: TransforACIÓN y TransforAMAR; Escucha Sensible; Currículos y Metodologías Afroreferenciadas; Pedagogía Ananseana; Saberes Ancestrales de las Mujeres.

PÉDAGOGIES DE L'ANCESTRALITÉ: PERSPECTIVES POUR L'ENSEIGNEMENT DES PHILOSOPHIES AFRICAINES AU BRÉSIL

Résumé: Ce texte vise à engager un dialogue avec les savoirs féminins ancestraux qui brodent des perspectives pour une éducation afro-référencée, donc plurielle, diverse, inclusive, antiraciste et dans le but de transformer l'éducation et les savoirs. Ces tissages sont esquissés par la poétique enchanteresse des philosophies africaines, et sont donc basés sur une implication dans la potentialisation de la vie, l'écoute sensible et l'éthique du soin. Ainsi, la pédagogie de l'ascendance se présente comme un fil qui brodera cette toile anankinienne de transformation et de création d'autres mondes possibles, contribuant à la mise en œuvre du Droit. 10.639 / 2003, de / avec des voix féminines et ancestrales.

Mots clés: TransforATION et TransforAMAR; écoute sensible; programmes d'études et méthodologies afro-référencés; pédagogie ananséenne; savoirs ancestraux des femmes.

TESSITURAS INICIAIS

Este breve texto tem o intuito de trazer saberes ancestrais tecidos pelas filosofias africanas desde / com *vozes mulheres*, construindo perspectivas antirracistas, poéticas ancestrais de encantamento. Tessituras que bordam pedagogias da ancestralidade, da escuta sensível, da ética do cuidado, afrorreferenciando a educação e o conhecimento. Redes ananseanas que potencializam a vida e encantam nosso estar no mundo, pois que o encantamento é implicação com a vida de forma ética, justa, sensível, harmoniosa, cuidadosa, amorosa, inclusiva, política, ancestral... é descolonização de corpo inteiro, não

apenas de conhecimento, mas de nossos corpos que são produtores e condutores desses saberes, seiva bruta da vida. Portanto, falamos de descolonização dos sentidos e potencialização da vida!

Criar epistemologias, currículos e metodologias afrorreferenciadas, desde / com filosofias africanas, não implica criar amarras, mas nós de sabedorias, como instrui a filosofia adinkra de Nyansapo – Nó da Sabedoria, que simboliza sabedoria, engenhosidade, inteligência e paciência, ensinando que é a pessoa sábia que desata os nós da sabedoria (Nascimento; Gá, 2009). Ela nos ensina sobre escuta, sobre tempo, sobre paciência, sobre formação, esta que se implica em transformAÇÃO, em transforAMAR, experienciar. Experienciar é a escuta sensível do nosso ser-tão (Machado, 2020a).

ANCESTRALIDADE E ENCANTAMENTO BORDANDO ESCUTA SENSÍVEL, POTENCIALIZANDO A TRANSFORMAÇÃO E O TRANSFORAMAR

Ancestralidade e encantamento são conceitos filosóficos e metodológicos circulares, espiralar, pois têm uma relação não linear e cronológica com o tempo, são significados, significantes, significações, ressignificações, potencialização de nosso estar no mundo, promovendo uma relação de enraizamento, intimidade, profundidade, espiritualidade, ser-tão. Tempo espiralar é delineado pela ancestralidade que nos ensina que "tudo está no presente. Todo ensinamento pela história está no presente para ser entregue em forma de vivências" (Machado, 2013, p. 66). Todo ensinamento é processo formativo. Leda Maria Martins afirma, lindamente:

> ... o tempo vai e volta em espirais e nos reinaugura em suas cinesias. Em seus voltejos, somos. Tempo *ntangu*, tempo sol, tempo no vento riscado, no corpo experimentado. Tempo que se refaz em outros tempos, como o tempo de disseminar e o tempo de recolher. Tempo também é *tanga*, escrever e dançar. Escrever é assim inscrever no corpo que dança, vozeia, canta e tamborila, o tempo constituinte das espirais. (2021, p. 203, grifos da autora).

Assim, a ancestralidade se atualiza continuamente na nossa vivência / experiência, pelo tempo natureza que nos habita e permite sermos corpos dançantes e cantantes, corpos semeadores. Somos pessoas gestadas pela natureza, pois tempo é natureza e nela tudo tem o *tempo certo*. O tempo é o espaço onde somos, de onde viemos, para onde vamos. O tempo é a natureza que nos tece, que nos borda, que nos gesta. O tempo é o antes, o agora, o depois. Makota Valdina Pinto (2010, fonte oral) nos ensina que:

> A gente é resultado de toda essa natureza criada antes e que a gente encontrou. E esse tempo é um tempo que a gente não dá conta, a gente especula, a gente cria, as várias culturas criam histórias, se cria lendas para falar desse tempo, mas ninguém tava lá para saber, então, tudo é história, criada. Mas, é um tempo que é hoje também. Ai é que tá, que é o x da questão. Esse tempo ancestral é o tempo de hoje também, se a gente vive é porque a gente precisa até do vento, que é o tempo, que é tempo, não o tempo, mas que é tempo... Tempo é vento, vento é tempo. Quem é que não precisa do vento? Quem é que vive sem respirar? Ninguém...

Não existimos fora da natureza, não somos sem o tempo. Somos espaços e potência de vida e o tempo é como uma mágica, é a relação com o mistério, é encantado. O encantamento dá-se com o re-conhecimento, a escuta de nossa ancestralidade; com o seu acordar, fortalecimento que se tece por nossas implicações éticas, políticas, estéticas, epistemológicas, etc. pelas sabedorias e poéticas de nosso estar no mundo. Assim, é o encantamento que nos possibilita e nos chama para a compreensão da formação como transformAÇÃO, permitindo-nos o transforAMAR, pois amar é um ato de resistência e implicação com a plenitude da vida, pela liberdade, posto ser tecido pela escuta sensível, esta que é bordada pela escuta com ouvidos dóceis, escrita, cuidado, construções das poéticas / políticas de encantamento, é prática ancestral!

A escuta sensível começa em nós, na escuta da nossa intimidade, da nossa ancestralidade, por isso é transformAÇÃO crocheteada pelo transforAMAR, é comunitária, pois somente existimos em comunidade, em relação... portanto, é urgente vivermos em harmonia com a natureza, posto ser ela que nos permite, ser, viver!

Segundo bell hooks (2020, p. 123), "despertar para o amor só pode acontecer se nos desapegarmos da obsessão pelo poder e pela dominação. [...] Uma ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente". As poéticas de encantamento, oriundas desse encontro / encruzilhamento com a ancestralidade, são tecidas pela ética do bem-viver, pela liberdade plena, pela busca e construção da emancipação de corpo inteiro! Portanto, precisamos transformar, transforAMAR, compreendendo que "para trazer a ética amorosa para todas as dimensões de nossa vida, nossa sociedade precisaria abraçar a mudança" (Ibid), transformAÇÃO.

A encruzilhada desses movimentos ancestrais e encantados nos guia, pois, como afirma Leda Maria Martins (2021, p. 51):

> Na concepção filosófica de muitas culturas africanas e afro-brasileiras, assim como nas religiões ali referenciadas, a encruzilhada é o lugar sagrados das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos, sendo

> frequentemente traduzida por um cosmograma que aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de interseção. É assim, como pensamento e ação, *locus* de desafios e reviravoltas; compreensão e dispersão; espacialidade icônica que cartografa os inúmeros e diversos movimentos de recriação, improviso e assentamento das manifestações culturais e sociais, entre elas as estéticas e também as políticas, em seu sentido e espectro amplos. Base de pensamento e de ação, a encruzilhada, agente tradutório e operador de princípios estruturantes do pensamento negro, é cartografia basilar para construção epistemológica balizada pelos saberes africanos e afrodiaspóricos.

Desse modo, diante do desencantamento do mundo, pelo racismo, pelo patriarcado, pelo sexismo, pelo epistemicídio, pela colonialidade, etc. é fundante confiarmos em nossa ancestralidade, pedindo força, sabedoria, serenidade, engenhosidade, ginga, amorosidade, cultivar o encantamento pelo nosso estar no mundo e, assim, responder as "dores do mundo" de forma amorosa, tecidas pela escuta sensível, que se faz na potência transformadora comunitária! Compreendemos que,

> Para vivermos nossa vida com base em princípios de uma ética amorosa (demonstrando cuidado, respeito, conhecimento, integridade e vontade de cooperar), temos de ser corajos[a]s. Aprender como encarar nossos medos é uma das formas de abraçar o amor. Talvez nosso medo não vá embora, mas já não ficará no caminho. Aquel[a]s de nós que já escolheram adotar uma ética amorosa, permitindo que ela governe e oriente o modo como pensamos e agimos, sabemos que, ao deixar nossa luz brilhar, atraímos e somos atraídos por outras pessoas que também mantém sua chama acesa. Não estamos sozinh[a]s. (hooks, 2020, p. 137).

Somente somos coletivamente, nessa relação amorosa por ser ancestral e encantada, que se faz em nossas potências criativas de descolonização que começa na escuta sensível de nossa própria intimidade! Nesse sentido, esse texto intenta trazer poéticas de encantamento tecidas por mulheres negras como perspectivas para descolonização do / para conhecimento, de / para nossos sentidos, implicando-se, assim, em tessituras do educar para transforAMAR, portanto, libertar, emancipar, encantar. Educar como poética de transformAÇÃO! Assim, perguntamos: como essas tessituras bordam pedagogias da ancestralidade?

PEDAGOGIAS DA ANCESTRALIDADE

A ancestralidade[2] é múltipla, multifacetada, plural, diversa, uterina, feminina, é chão... é filosófica, ética, estética, cultural, histórica, metodológica, transdisciplinar, multidisciplinar, multirreferencial, transversal, interseccional, é pedagógica! Ela exige modos outros de sentir, pensar, refletir, criar, ouvir, dizer, ensinar, aprender, dançar, cantar, caminhar, sentir a terra... posicionar-se diante do mundo. São mudanças de paradigmas, saída de perspectivas individualistas, universais, engessadas, para perspectivas coletivas, plurais, diversas, dançantes, cantantes, enraizadas, tecidas pelas possibilidades, pois "o pensamento africano é regido pelo paradigma do diálogo e das possibilidades" (Machado, 2013, p. 58); possibilidades éticas de manutenção e ampliação de nossos direitos, de nossas liberdades, de nossas próprias vidas! Ser de corpo inteiro!

Nesse sentido, as pedagogias da ancestralidade implicam-se na construção de referenciais teóricos-metodológicos outros, partindo de práticas inclusivas e tecidas pelos saberes e pelas memórias de nossos corpos; pelas memórias e pelos saberes ancestrais; pelos saberes e pelas histórias de nossos povos, partindo do vínculo ancestral entre corpo, memória, espiritualidade e natureza.

A ligação ancestral nos ensina a silenciar, observar, sentir, para aprender e dizer, pois "o silêncio é o portal da tradição oral: é preciso olhar e escutar o silêncio antes da escrita", como nos ensina / alerta Vanda Machado (2013, p. 20). Nesse sentido, é, também, "escutar, vivenciar e compreender o pensamento africano recriado na diáspora" (Ibid, p. 21). É como a mulher dos encantos, Dona Maria Toinha, ensina para seu neto azulado que compartilha esses saberes conosco:

> Olho para o meu rosto, com a ajuda das minhas mãos sinto as marcas que se escavaram como o tempo. Estas marcas são provas do que me aconteceu... são o registro do tempo na minha pele. Estas marcas contam as minhas estórias de um jeito melhor do que eu poderia dizer. Escute-as, antes de escrever. Elas dirão aquilo que minha voz não é capaz de falar. (SANTOS; SANTOS, 2020, p. 24).

Para a pedagoga, doutora em educação, mestra em psicologia, terapeuta integrativa, escritora, dançarina, mulher de axé, multiartista Kiusam de Oliveira (2019, on-line), a pedagogia da ancestralidade é o intento de "sistematizar a episteme negra em

[2] Ancestralidade nesse texto é compreendida desde o chão que tece as culturas afrorreferenciadas, portanto, culturas afro-indígenas que tem a terra, a natureza como ancestralidade primeira. Entretanto, nesse texto focamos na nossa ancestralidade africana bordada em terras canarinhas.

um campo teórico-metodológico em construção", desse modo, constitui-se como "um posicionamento político contrário ao que se estabeleceu no país [...], se opõe ao colonialismo e à colonialidade, que continuam reafirmando a desumanidade de negros e indígenas" (Ibid). Portanto, está implicada em potencializar e compreender o pensamento afrorreferenciado que borda esse país, implicada em escutar sabedorias ancestrais, as marcas do tempo, antes de escrevê-las, reescrevendo a nossa história.

A pedagogia da ancestralidade também pode ser denominada Pedagogia Eco-Ancestral, cuja base teórico-metodológica

> [...] estabelece uma ruptura provocada pela decolonialidade: não se trata mais de falar pelo corpo, mas proporcionar situações para que o próprio corpo fale por si, alimentado pela cultura vivida na e pela carne. Esse corpo-templo que se (re)significa na e para a resistência, com o propósito de se tornar um corpo-templo-resistência – porque resistir às atrocidades também é sagrado –, acaba por estar conectado com a realidade vivida na coletividade, em seu entorno e, dessa forma, é um corpo capaz de sobreviver às intempéries sociais (OLIVEIRA, 2019, on-line).

Desse modo, essa pedagogia denuncia a hegemonia epistemológica eurocentrada, propondo o anúncio, o referenciar-se desde nossas culturas e nossos saberes afro-indígenas, desde o nosso chão, implementando a Lei 10.639/2003 e a Lei 11.645 / 2008, tornando obrigatório o Ensino de História, Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena. Assim, implica-se em compartilhar, construir,

> propondo uma forma de ser-pesquisar-conhecer-pensar-juntar-articular-agir que reconheça o continente africano como o berço da humanidade e se dá a partir da criação ou recriação de laços e formas afeto-coletivas de acolher-ouvir-aprender-falar-trocar-compartilhar, protagonizada não só pelas/os mais velhas/os, mas também pelas crianças e jovens. (Ibid).

Desde nossas culturas, compreendemos o quão importante é ouvir não apenas as pessoas mais velhas, como também as mais jovens e as crianças... Pois compreendemos que a intergeracionalidade e a senhoridade são fundantes (SOMÉ, 2003; PETIT, 2018). Sandra Petit (2018, p. 127), afirma que:

> - as anciãs e os anciãos são de fundamental importância para nos guiarem pelas suas experiências de vida, sendo os mais conectados espiritualmente aqueles que se doam com total entrega, responsabilidade, escuta e generosidade, e conseguem mediar conflitos em sintonia com os elementos da natureza. [...] – A energia da criança é extremamente valorizada pela sua naturalidade e sua sabedoria inatas.

Assim, a pedagogia da ancestralidade propõe a criação de metodologias afrorreferenciadas tecidas pela ancestralidade, por nossos pertencimentos, pelo encantamento e pela escuta sensível que se implica na escuta da nossa intimidade, da ancestralidade que nos habita, das águas que percorrem nossos corpos e permitem a vida! É uterina! É ouvir de corpo todo / inteiro; é sentir, perceber, encantar-se com o estar no mundo, com a natureza que nos habita e, assim, reconhecer o valor de todas as existências, estabelecendo relações de cuidados e compartilhas! Essa escuta privilegia o corpo como produtor de sentidos, de conhecimento, assim, reconhece-se como ancestral, memória viva, suporte de todas as nossas vivências, experiências, sabedorias... cria textualidades, reinventando a vida, potencializando-a! Nossos corpos são sagrados.

Portanto, a escuta sensível não apura apenas nossos ouvidos, mas nosso olhar, modos de perceber, conhecer, sentir, ser, tatear... E assim, podemos apreender o poético, o sagrado que nos habita; encontrarmos as poéticas de encantamento oriundas da escuta ancestral, que também permite ouvirmos a criança que há em nós. A criança que deseja conhecer o mundo, que se alegra e anseia pelo diferente, pelo diverso, que é plural... A criança que se espanta e se alegra com descobertas, que muitas vezes redescobre o descoberto uma vez, outra vez, novamente. Inclusive, é necessário pontuar que a pedagogia da ancestralidade "enxerga na infância um período primordial para combater posturas que reproduzem aprendizagens discriminatórias e racistas desde as brincadeiras infantis, altamente racializadas pelas crianças." (OLIVEIRA, 2019, on-line).

Outro ponto importante é que a Pedagogia da Ancestralidade é feminina, pois que a ancestralidade é tecida pelo poder co-criador, o poder uterino (MACHADO; 2020). Para Kiusam de Oliveira (2019, on-line), é importante chamar a atenção para o recorte de gênero, pois:

> nessa pedagogia o recorte de gênero se faz necessário, pois entende que mulheres negras têm enfrentamentos violentos no cotidiano por carregarem os fenótipos desprezados pela sociedade. Tais especificidades vividas por cada uma delas incidem diretamente no bem-estar e na qualidade de vida emocional, acadêmica, psíquica, espiritual, social de cada mulher, afinal, elas vivem uma saga crepuscular em busca de si mesmas a partir de uma contradição: se socializar e se aceitar em uma sociedade que as rejeita.

Portanto, os saberes ancestrais femininos, as *vozes mulheres,* tecem a Pedagogia da Ancestralidade que reconhece profundamente a ética do cuidado e a escuta sensível que perpassam nossas existências. Nesse sentido, é fundamental o reconhecimento,

valorização das mulheres, reconhecendo seu papel fundante na construção da nossa sociedade, pois somos, enquanto mulheres negras, como afirma Helena Theodoro:

> Um feixe de possibilidades e de força criativa, terra fértil que guarda a semente pronta para germinar, como a vida que se espalha, em plenitude total e dinamismo incessante, oriunda de nossos antepassados, que a receberam de Olorun Deus supremo – para a comunicar e defender. É o direito de ser, de deixar de ser, consciência plena de cada um, do outro, de suas raízes e de sua história. (1996, p. 142).

Saberes ancestrais femininos tecendo filosofias, pedagogias, cocriando resistências e re-existências ancestrais! Isso porque essa pedagogia, da ancestralidade, foca seu trabalho na complementariedade, posto sermos corpos inteiros, tecidos coletivamente. Como pessoas, somos todas tecidas por energias, constituímos o universo e somos constituídas por ele.

A ancestralidade é fonte de nossos saberes, que nos enraíza, é política que tem grande implicação com a harmonia, com a emancipação, com a descolonização, pois que esta,

> ... como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro. (hooks, 2019, p. 37).

Tessituras ancestrais seguem criando trilhas da liberdade, liberdade de corpo inteiro possibilitando outros futuros, outros mundos são possíveis! Expansão do nosso eu (coletivo) profundo em um processo contínuo de descobertas e cura das dores do mundo. Conhecimento entendido como ato de amar/amor e este compreendido como “uma combinação de cuidado, compromisso, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança” (hooks, 2021, p. 50), pois para pessoas encantadas com sua ancestralidade “o ato de conhecer é um ato de amor, o ato de entrar e abraçar a realidade do outro, de permitir que o outro entre e abrace a nossa” (Ibid). Por isso, compreendemos os saberes ancestrais como tessituras da / para ética do cuidado tecida por múltiplos saberes, por

> plataformas diversas, como histórias de vida, memórias, provérbios, mitos, itans, letras de músicas, literaturas, danças, gestualidades, poemas, performances etc., e tem no corpo-templo um território sagrado, consciente de que precisa ser reestruturado como um corpo-templo-resistência que seja capaz de combater o racismo institucional e a necropolítica cotidianos, em uma perspectiva sócio-cosmo-política. (OLIVEIRA, 2019, on-line).

Nesse sentido, é uma metodologia horizontal, circular e espiralada, oriunda das mulheres cabaças, desde o que Kiusam de Oliveira (Idem) chama de "campos de potências": "Ancestralidade, Corporeidade, Imaginário, Subjetividade, Oralidade, Identidades, Memória, Processos Educativos e Ancestralidade". A Pedagogia da Ancestralidade é fundamentada em dez princípios fundamentais:

> 1) É uma pedagogia feminina e combate o sexismo; 2) As infâncias são territórios de ação dos Direitos Humanos; 3) Há consciência de que existe a colonialidade no e do poder; 4) Estabelece ruptura a partir da decolonialidade; 5) Necessidade de emancipação epistêmica; 6) Importância da formação para a Educação das Relações Étnico-Raciais; 7) Luta por uma educação antirracista; 8) Tudo se dá na relação profunda com o ecossistema; 9) Necessidade da ressignificação do conceito de corpo para o corpo-templo-resistência; 10) Tudo deve se dar de forma a considerar a Ancestralidade. (OLIVEIRA, 2019, *apud* TRANCOSO; OLIVEIRA, 2020, p. 16).

Assim, a Pedagogia da Ancestralidade está pautada em uma metodologia da intencionalidade como nos diz Kiusam de Oliveira (2019, on-line):

> essa pedagogia tem na intencionalidade para o empoderamento negro feminino seu método principal. Tal método se movimenta de modo circular e espiralado a partir do que tenho chamado de campos de potências: Ancestralidade, Corporeidade, Imaginário, Subjetividade, Oralidade, Identidades, Memória, Processos Educativos e Ancestralidade.

As proposições, as tessituras de Kiusam de Oliveira estão implicadas com a importância crucial para um mundo mais justo, harmônico, para uma educação inclusiva, para filosofias, histórias, pedagogias plurais, diversas. Cabaças Uterinas.

SER / FAZER DESDE COM A PEDAGOGIA DA ANCESTRALIDADE

A pedagoga, mestranda em Educação (UFC), escritora, Assessora Pedagógica da Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – CE, cantora, multiartista, mulher de Axé, Patrícia Adjokè Matos, tem bordado / construído a Pedagogia da Ancestralidade em seus diferentes fazeres. Crocheteamos bons diálogos / trocas sobre modos de construir / formar / tecer saberes metodológicos desde / com essa pedagogia. Eu a escutei, assim como participei de algumas de suas tessituras pedagógicas. Aqui, apresentarei algumas partes de um profundo relato de suas vivências / experiências com a Pedagogia da Ancestralidade, que me foi cedido em julho de 2019, quando bordava

minha tese de doutorado (MACHADO, 2019), que é a fonte desse artigo. A pergunta "onde estão nossas memórias?" é a linha para bordar o fazer pedagógico ancestral de Patrícia Adjokè Matos; pergunta que ela responde da seguinte forma:

> Lá encontraremos nossa ancestralidade. Quando percebemos quem somos, de onde viemos, passamos a fazer parte do mundo enquanto sujeitos históricos, (re)construindo territórios existenciais. Essas memórias estão escritas em nossos corpos, através de vivências organizadas e mantidas individual e coletivamente. (*apud* MACHADO, 2019, p. 194).

Nossos corpos são fontes das escrituras ancestrais, tecendo memórias, histórias, saberes e fazeres que diz quem somos, que passos nos permitiram estar aqui, e que marca nosso lugar enquanto agentes históricos. O devir feminino que tece essa ancestralidade é devir de corpo inteiro, constituído pelo pensamento africano que

> não separa, não hierarquiza. Corpo, membro, memória, tradição, sentidos, imaginário, símbolos, signos, espiritualidade e as vivências cotidianas, tudo faz parte de uma tradição na sua multidimensionalidade que não se presta a explicação reduzida, a categoria que fragmentam sentidos (MACHADO, 2013, p. 52).

E é desde essa perspectiva multidimensional que Adjokè nos diz sobre suas concepções em torno dos objetivos do fazer/pensar/criar/sentir desde essa sabedoria ancestral:

> O que pretendemos com a pedagogia da ancestralidade é perceber, de forma encantadora, identidades reveladas ao abrirmos o baú de nossas memórias. A música, a imagem, o cheiro, o gosto possibilitam re-sentir sem ressentimentos. É no coletivo que nós construímos e fortalecemos a nossa essência vital no mundo, pois somos porque o Outro é e essa relação de reciprocidade que nos faz pertencer e aprender o sentido do SER. (*apud* MACHADO, 2019, p. 194).

Patrícia Adjokè ressalta sobre o significado de compreender a ancestralidade, o que nos remete a pensar sobre uma das maiores dificuldades para implementação da Lei 10.639 / 2003, que é a compreensão errônea de que ensinar história e cultura africana e afro-brasileira, falar sobre ancestralidade é ensinar sobre 'religião', sobre 'candomblé' e 'umbanda', mostrando o quão somos uma sociedade racista e preconceituosa. Patrícia Adjokè diz:

> É fundamental compreender que **falar de ancestralidade não significa falar de religião e sim estabelecer um diálogo que atravessa e interliga gerações, afinal o que sou hoje está tecido no que minhas bisavós, avós e minha mãe foram e continuam sendo através de mim. Seus legados, histórias e suas**

> **memórias. Efetivar um currículo permeado de saberes e fazeres afro-ancestrais é implementar uma educação antirracista.** Contudo, as pessoas fogem desse termo sempre questionando sua existência, não querem enfrentar a realidade da sociedade brasileira. Sendo assim como combater algo que não existe? (Ibid, grifos meus).

A educação antirracista valoriza a pluralidade de saberes, de culturas, de memórias, de histórias, de fazeres, de ser. Nesse sentido, a Pedagogia da Ancestralidade implica-se em criar currículos e metodologias plurais, com intuito de implementar uma educação antirracista desde a compreensão de nossos saberes, de nossas histórias, desde a escuta e o fortalecimento de nós mesmas, de nosso pertencimento:

> Ratificamos aqui a importância do retorno a quem nós somos através dos ancestrais, aqueles que vieram antes de nós e produziram toda a cultura que se estabeleceu em território brasileiro, em nossos corpos – territórios. Fundamentando-se em conceitos de acolhimento, respeito, encanto buscamos, através da Pedagogia da Ancestralidade acordar as africanidades que estão latentes, aguardando que o baú ancestral de nosso íntimo seja aberto. (Ibid).

Nosso baú de memórias ancestrais é vivo, latente nas memórias que tecem nossos corpos, em nossas travessias, em nossas dobras, em nosso cotidiano de modos diversos:

> Este baú está aberto, porém não é percebido como tal; ao adentrar no espaço-escola-currículo é bem comum encontrarmos cirandas de pescadoras e marisqueiras: "sai, sai, sai, oh piaba, saia da lagoa, bota a mão na cabeça outra na cintura, dá um remelexo no corpo, dá o lugar pra outra piaba", ou ainda o canto das mulheres rendeiras: "olé mulé rendeira, olé mulher rendá, tu me ensina a fazer renda, que eu te ensino a namorar", ou ainda cirandas de mulheres na farinhada: "mandei fazer uma casa de farinha, tão maneirinha que o vento possa levar e passa o sol, passa a chuva e passa o vento, só não passa o movimento da cirandeira a rodar." Ou ainda "lava, lavadeira a roupinha de passear". Aqui, poderíamos enumerar várias cantigas que vem da cultura tradicional popular de mulheres e homens negros. Contudo, ainda há muita dificuldade de perceber e trabalhar essas africanidades que contam história tanto de labor, quanto de lutas, de dor e de amor. (ADJOKÈ *apud* MACHADO, 2019, p. 195).

A educação antirracista implica-se em escreviver, contar nossas próprias histórias, em aprendermos as origens das nossas sabedorias populares, palavras, comidas, danças, tantas histórias que delineiam a brasilidade permeada de africanidades, implica formação e afeto. Patrícia Adjokè (Ibid) toca em um ponto importante que remete a falta de formação contínua para o ensino das Relações Étnico-Raciais mediada pelo afeto, pelo conhecimento e pelo re-conhecimento de nossos saberes:

> É isso que nós, enquanto professores/as, queremos: acolhimento, relações de empatia e de comunidade, solidariedade que as práticas afroancestrais trazem em

> suas filosofias. Compreendendo as tecnologias, artesanias, ofícios ancestres como práticas acolhedoras que fortalecem e acalentam por suas memórias coletivas que ressoam em nosso espírito para que não nos desliguemos de quem somos, não nos desconectemos uns dos outros nem da natureza, nossa irmã. Sentimos e percebemos a fundamental importância do canto da oralidade presente na musicalidade para repassar a força afroancestral. E como fazer isso? (ADJOKÈ *apud* MACHADO, 2019, p. 195).

Ao questionar como trabalhar saberes afroancestrais no currículo por meio de metodologias afrorreferenciadas, Patrícia Adjokè apresenta relatos oriundo de experiências / vivências, de suas práxis. Em seu relato, Adjokè apresenta algumas oficinas ministradas em diferentes espaços, sempre com o objetivo de

> suscitar memórias, histórias e diálogos por meio do tambor e de cantos que encantam e contam narrativas afro-brasileiras e africanas, envolvendo imagens que apresentam atividades laborais coletivas tais como de pessoas no engenho, na farinhada, na pesca, amassando barro para construção de casas. Essas figuras ficam dentro de um antigo baú, tendo como intento principal suscitar lembranças de momentos das infâncias passadas com os avós, bisavós, tataravós refletindo sempre sobre as aprendizagens e as referências que os mais velhos e as mais velhas nos transmitiram. (*apud* Machado, 2019, p. 196).

As memórias são tecidas na historicidade de nosso povo, tecida por e em nosso cotidiano! Histórias que atravessam nossos corpos ancestrais, atravessam mares e rios, aquilombam-se ao se espalharem! Assim, nas oficinas marcadas pela Pedagogia da Ancestralidade, há a abertura para a escuta sensível, para que cada pessoa participante possa

> oralizar suas emoções, sentimentos, trazer músicas que remontem àquela memória, abrindo assim o baú ancestral, revelando lembranças que estavam guardadas de forma tão íntima. É comum participantes relatarem um ‘quase’ esquecimento de situações tão presentes na infância e na adolescência. (Ibid).

As tessituras desse fazer apontam como essa pedagogia é transversal, inclusiva, amorosa, diversa... tendo a intergeracionalidade, a diversidade como fonte de inspirações para a potencialização do saber / conhecer / ouvir / sentir / acordar a ancestralidade. Vejamos, a seguir, alguns “produtos pedagógicos” oriundos de Oficinas que tem a Pedagogia da Ancestralidade como metodologia e teoria:

Uma Pessoa de outra Pessoa

Quem me vê assim
Nem imagina de onde me fiz
Da linhagem Barbosa
Filho de índios, minha matriz

Lembro de Tia Zefinha
Acocorada como a esperar
Sua saia rodada, âncora, porto
De braços abertos para amparar
Lamparina, choque, junco
Como labuta, como alimento
Como marca de sobrevivência
Ah que saudade da infância
O cheiro da terra, de frutas
Sem medo, sem violência
Só saudades indígenas-africanidades.
***
A História de minha mãe foi pegar roupa pra lavar
E a história da minha foi pegar café pra pilar
Ali tinha uma casinha
De taipa para morar
O fogão era de lenha
E o leite estava a cozinhar
Na casinha tinha lenha
Para o fogo não apagar
E a brasa desse fogo
Era pra roupa passar.
***

Mulheres de Referência

Franciscas
Marias Josés
Mulheres guerreias
Andantes, fundantes
Suas mãos construíram realidades, trajetórias e histórias
Carregamos seus traços, sua força e vitória.
***
Benzedeira, benzedeira
Venha abençoar
A espinhela tá caída
Venha logo me curar
Tua reza é tão santa
E as folhas irão murchar
A cura está certa
E meu corpo irá fechar
***
Mulheres guerreiras
Mulheres de luta
No silencio, no sofrimento
Lutaram gritaram e conseguiram conquistar seus espaços
Inspirar gerações
De mulheres forte e lutadoras
Somos reflexo de nossas bisavós

Avós, mães
Resistiremos sempre.

Memórias Ancestrais

Joguei a colcha no rio
Só pra tirar o sabão
Ô menino não se preocupe
Colcha não sente frio
O rio não leva não
Capoeira veio do batuque
Contaram meus avós
La naquela casa de taipa
Onde viviam apenas nós

Refrão
Sou barro, sou canto, sou pranto que fere
Que bate tambor
Memórias da pele

Eu brincava ao redor da cacimba
Vendo minha vó trabalhar
Fazendo a canjica para todos nós merendar
Numa casa de farinha
Ou dentro de um alguidá
Fabricando mandioca
Ou fazendo mungunzá

Repete o Refrão

Alívio as minhas dores
com os sons dos meus tambores
Nas memórias ancestrais
O coco e o milho estão tão presentes
Como Padre Cícero
Em nossas mentes

Repete o Refrão

Podemos observar que encantos gestados e paridos pela Pedagogia da Ancestralidade apontam "a potência sócio-emocional-cognitiva de fruição e produção de saberes." (ADJOKÈ *apud* MACHADO, 2019, p. 201). Pois metodologias afrorreferenciadas "suscitam debates, sentimentos e aprendizagens coletivas, valorizando as subjetividades. Elas também transversalizam ciências, artes, linguagens, filosofias, música, psicomotricidade, oralidade, histórias, matemática, biologia, cuidado de si, do eu, do outro e do nós" (Ibid).

Assim, fortalecemos nossa convicção acerca da importância fundante de metodologias e currículos que possibilitem a "produção oral, escrita, poética, o movimento" (Ibid), e isso somente é possível quando "docentes e discentes se veem nos conteúdos. Isso é currículo vivo, com significado: a partir de mim para o mundo e do mundo para mim" (Ibid). Isso são metodologias vivas, enraizadas! Adjokè diz:

> Em 15 anos de abordagem pedagógica a partir das africanidades, da implementação da Lei 10.639/2003, é o que tenho experienciado. Como podemos perceber a partir desse texto que é um breve relato, mas que explicita uma abordagem metodológica de uma profundeza com o desejo de convidá-las ao em-canto da Pedagogia da ancestralidade. (*apud* MACHADO, 2019, p. 201).

Patrícia Adjokè conclui o seu belíssimo relato nos brindando com avalições de algumas pessoas que participaram de suas oficinas, vejamos:

> "A oportunidade do encontro com nossa raça, nossos ancestrais embutidos nas histórias e cantos, foi uma verdadeira viagem à nossa história e memória ancestral. Felicidade é a palavra que me define."
>
> "A experiência foi esclarecedora, transgressora, catártica, altamente instigante e importante para o conhecimento da própria cultura tão cheia de misturas que é a brasileira. Conhecer as origens dessa cultura tão rica é algo que não deve ser perdido, merece ser conhecido, transformado e divulgado para qualquer um que se diz brasileiro. Gratidão às pessoas, aos batuques, às canções, ao trabalho, ao terreiro e a todas as pessoas que tem e repassam esse conhecimento."
>
> "Aprendi sobre uma cultura incrível que muitos conhecem, mas discriminam, pois não tem conhecimento de como incrível é e como pode unir um povo sendo tão simples, mas que se torna grandiosa com poesias, histórias contadas há gerações e mesmo assim é uma coisa incrível."

Adjokè traz experiências / vivências / encantos para dizer da importância de tecer conhecimento desde nosso saber / viver, desde nossa escuta ancestral. Assim, promove escuta sensível, aberturas para o encontro com nossa intimidade. Não diz, mas mostra como essa Pedagogia é tecida pelos saberes ancestrais femininos.

O QUE NÃO ACABA: PEDAGOGIAS ANANSEANAS

A pedagogia da ancestralidade é crocheteada por sabedorias implicadas, encantadas das mulheres cabaças, fonte de vida e de afeto, útero do mundo. Fonte de resistência e da própria existência. Fontes ancestrais tecidas pela teia de Ananse, pois tudo inclui... tudo está interligado... é circular, horizontal onde a vida apresenta-se como

princípio, meio e começo! Círculo uterino que nos dá a vida, que se faz desde/com a integração, a horizontalidade... Ananse, a teia de aranha "é símbolo da sabedoria, da esperteza, da criatividade e a complexidade da vida" (Nascimento; Gá, 2009).

A pedagogia / filosofia adinkra ananseana nos ensina que conhecimento somente existe em movimento, compartilhado, e que todas as pessoas têm sempre algo pra ensinar e muito para aprender, desse modo não hierarquiza saberes / culturas / pessoas, ao contrário, valoriza-as, pois que aprende-com, dança-com, joga-com, ginga-com, canta-com, cria-com, é-com... É convite contínuo à integração e complementariedade, à harmonia e emancipação. É corpo em movimento! Liberdade! Convites movimentados pelas filosofias africanas que nos dá possibilidades diversas para seu ensino. Ensinar essas filosofias perpassa a educação para a sensibilidade, para o afeto, para o cuidado, para a escuta sensível.

Portanto, a Pedagogia da Ancestralidade bordada pelas filosofias africanas, crocheteadas pelo feminino, é tecida pelo corpo em movimento, pois nosso corpo é sagrado, é potência da e para a vida. Corpo ancestral encantado, enraizado, pois

> O ancestral em si mesmo, é acúmulo de natureza. A educação com a natureza assenta-se no pensamento de que tudo à natureza se liga, de que tudo nela se transfere, pois dela advêm alimentos e remédios, aromas curativos, os incensos, os perfumes, os lumes e todos os sabores. A relação com a natureza é, assim, uma postura ética. Daí o cuidado com a ecologia, o que significa reverência ao natural e desejo de equilíbrio. (...) Em toda natureza o sagrado habita. (MARTINS, 2021, p. 108).

Assim, inacabo essas tessituras com a voz ancestral viva e potente de Kiusam de Oliveira (2019, on-line) nos ensinando sobre a Pedagogia da Ancestralidade desde / com o mito de Ewá, que nos chama à escuta sensível, a ser / saber que somente há vida, somente há conhecimento em movimento, assim, "a vida é transformação", e "quando a vida fica difícil é sempre possível mudar nossa energia para o estado gasoso (pensamentos/reflexões/conversas) a fim de retornarmos, mais tarde, como água (ação/reação/posturas/decisões/vida que segue em seu fluxo)", ensinando-nos que somos "seres miméticos", portanto, "capazes de nos ajudar a uma nova situação, entendendo a adaptação enquanto estratégia" (Idem). É como ensina a filosofia adinkra Odenkyem: a adaptabilidade, ética e prudência, "o cocrodilo vive na água, mas ele respira ar e não água" (Nascimento; Gá, 2009).

Vamos ao Mito de Ewá, tenha ouvidos dóceis para ler / ouvir / sentir / aprender:

Ewá era uma princesa filha de Nanã e irmã de Obaluaiyê, Oxumarê e Ossaim. Contam suas histórias que era uma jovem de beleza infinita e sua mãe queria que ela se casasse de qualquer jeito. Assim, a mãe anunciou a mão da jovem e muitos pretendentes – príncipes – se ofereceram para desposá-la. Tal concorrência transformou-se em disputas que levaram muitos jovens valentes a lutarem até a morte pela mão da princesa. Foi muito sangue derramado. No reino de Nanã, todas as plantas foram secando, o sol já não aparecia mais no céu e a tristeza fez de lá a sua morada. Ewá, triste, foi consultar-se com Orunmilá, que lhe passou alguns ebós com o poder de colocar fim em tantas atrocidades. Os ebós deram certo e o sol voltou a aparecer no céu. As plantas voltaram a ficar verdes e, num belo dia, para o espanto de todos e diante dos olhos deles, a princesa começou a se desintegrar, a perder a forma, a transformar-se em bruma branca e densa, e essa névoa se espalhou por ali, avançando o chão junto a um cantar radiante. Sim, Ewá cantava com força e sua bruma ganhava formas e dimensões. Finalmente, ela estava livre e feliz. Recebeu o poder de ir ao céu como nuvem e, quando quisesse, poderia voltar à terra como água da chuva.

REFERÊNCIAS

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

_____. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia Africana e Saberes Ancestrais Femininos: útero do mundo. *Le Monde Diplomatique* – Brasil – Edição 160, Novembro, Acervo Oline África. Publicado em 03 de Novembro de 2020. Acesso em 03 de novembro de 2020. Vide: https://diplomatique.org.br/filosofia-africana-e-saberes-ancestrais-femininos-utero-do-mundo/

_____. Filosofia Africana desde Saberes Ancestrais Femininos: bordando perspectivas de descolonização do ser-tão que há em nós. *Revista da ABPN*, v. 12, n. 31, jan – fev 2020a, p. 27-47.

_____. *Saberes Ancestrais Femininos na Filosofia Africana: Poéticas de Encantamento para Metodologias e Currículos Afrorreferenciados*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, 268p, Fortaleza, 2019.

MACHADO, Vanda. *Pele da Cor da Noite*. Salvador: EDUFBA, 2013.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.* 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. *Adinkra: sabedoria em símbolos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Pedagogia da Ancestralidade. In: *Revista online*, postado em 18 de Julho de 2019. Visitado em 08 de Agosto de 2019. Vide: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/13431_PEDAGOGIA+DA+ANCESTRALIDADE

PETIT, Sandra Haydée. Na roda, ao convite do Espírito: ancestralidade e comunidade na filosofia de Sobonfu Somé. In: SILVA, Joselina da (Org). *O pensamento de/por mulheres negras*. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

SANTOS, Maria Moura dos; SANTOS, Marcos Andrade Alves. *A mística dos encantados*. Ilustrações de Sophya Pinheiro. Trairi, CE: Editora Edições e Publicações, 2020.

SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da Intimidade*: *ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos.* São Paulo: Odysseus Editora, 2003.

TRANCOSO, Joelma dos Santos Rocha; OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Pedagogia Eco-Ancestral: Caminhos para (R)Existência de Infâncias Negras. *@rquivo Brasileiro de Educação*, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, 2020.